

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

HISTÓRIA

**ENSINO FUNDAMENTAL
UNDADE I E II**

FONTE: MEC / INEP / ENCCEJA

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

HISTÓRIA

**UNIDADE I
CONFRONTOS SOCIAIS
E TERRITÓRIO NACIONAL**

ENSINO FUNDAMENTAL

Capítulo I

Confrontos sociais e território nacional

ÍNDIOS DIVULGAM DOCUMENTO

ELES DECLARAM QUE O BRASIL TEM “UMA HISTÓRIA INFAME” E EXIGEM A DEMARCAÇÃO DAS TERRAS

Chefes indígenas reunidos em Santa Cruz de Cabrália, na Bahia, declararam que os 500 anos festejados no sábado são, na verdade, “uma história infame” e anunciaram a união de seu movimento ao dos negros e dos sem-terra, em uma “luta de resistência”. Mais de três mil chefes indígenas, representando 140 tribos, se reuniram numa chamada “anticelebração” da descoberta do Brasil. Eles redigiram uma declaração de 20 pontos, na qual sintetizam suas exigências “ao Estado brasileiro”. (...) A declaração é extensa e reúne muitas exigências antigas já apresentadas pelos indígenas. A primeira delas diz respeito às terras, que eles querem que sejam demarcadas até o final deste ano. Essas terras foram asseguradas aos índios na Constituição de 1988 e representam, no total, um oitavo da extensão territorial do Brasil.

Associated Press. *Índios divulgam documento*. 22 de abril de 2000.
Disponível em: <<http://www.clajadep.hpg.ig.com.br/ba73.htm>>. Acesso em: 22 de jul. 2002.

APRESENTAÇÃO

Durante o ano de 2000, inúmeras foram as comemorações dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil e muitas as críticas ao que essa data significou. Os índios sempre questionaram esses cinco séculos. A sociedade brasileira, constituída sobre a destruição dos povos indígenas, não tinha o que comemorar.

A notícia da *Associated Press* foi uma das muitas publicadas. Ela diz que a data 1500 se resume à descoberta de terras que Cabral encontrou ocupadas milenarmente por vários povos de culturas diversas. Assim, 1500 marca o início de uma invasão. Essa é a história. O Brasil foi construído sobre sociedades e terras indígenas.

Tal realidade, bem como a existência há milhares de anos das populações indígenas da América, deveriam ser discutidas nas escolas. Outra

reivindicação central da declaração dos 3.000 chefes foi a demarcação de todas as terras dos índios e a retirada dos invasores das áreas já demarcadas.

Apesar de hoje serem reconhecidos os direitos dos índios à terra, bem como a importância da preservação de suas diversas culturas para o próprio desenvolvimento do Brasil, ainda são noticiados casos de extermínios de populações e de contínuas invasões das terras. Isso é porque, como a notícia demonstra, os povos indígenas continuam resistindo e mostrando que discutir o território brasileiro é falar em terra de índio. Este é o tema deste capítulo: **Confrontos sociais e território nacional**.

demarcadas

áreas com seus limites já fixados à espera do decreto presidencial de homologação, ou seja, de reconhecimento.

AS POPULAÇÕES INDÍGENAS HOJE

Em 1999, havia no Brasil 378.000 índios concentrados, em grande parte, na região amazônica, falando cerca de 180 línguas diferentes. Acredita-se que, em 1500, existiam por volta de 6.000.000 a 10.000.000 índios em área hoje brasileira, divididos em mais de 200 tribos.

DIREITOS DOS ÍNDIOS

Desde que você nasceu, o Brasil mantém as mesmas fronteiras políticas. Aliás, uma das últimas grandes alterações de nosso mapa foi em 1903. Naquele ano, o Acre, que estava incorporado à Bolívia, foi anexado ao Brasil.

Na América Latina, ao longo do século XX (vinte), podemos observar poucas transformações de fronteiras, se compararmos com outros continentes. As tensões sociais que a América enfrenta hoje têm suas raízes no processo de colonização empreendido por espanhóis e portugueses. Os povos ocupantes originais da América, a partir de 1492, denominados de índios pelos primeiros europeus, submetidos, escravizados, mortos, impedidos de professarem suas religiões, de manterem seus costumes e obrigados a se portarem e se vestirem como os europeus, começaram a perder suas terras. Mesmo assim, apesar de mais de 500 anos de domínio, da diminuição drástica da população e da dizimação de muitos deles, esses povos continuam lutando pela preservação de suas culturas, de seus direitos e suas terras.

No caso do Brasil, somente a partir da Constituição promulgada em 1988, foi reconhecido, oficialmente, o direito dos índios a

preservar sua organização social, costumes, línguas, tradições e crenças, cabendo ao governo apoiar, incentivar e respeitar suas manifestações culturais e impedir a sua destruição. Até a década de 1970, o Estado brasileiro desenvolvia uma política que objetivava assimilar o índio, ou seja, integrá-lo, fazê-lo adotar os costumes e a cultura da sociedade nacional, o seu modo de vida. Essa postura desprezava as culturas indígenas e a sua importância para o próprio desenvolvimento do país.

A Constituição de 1988 confirma também o direito dos índios às terras tradicionalmente por eles ocupadas, por serem essenciais para sua sobrevivência física, por meio da produção agrícola e animal, da caça, da pesca e da coleta, bem como necessárias para a sua subsistência cultural. Para os índios, tudo na vida está interligado, da obtenção de alimentos ao conhecimento da flora e fauna, do aprimoramento de técnicas às teorias sobre a origem do mundo. Tudo se relaciona às terras em que vivem. Tal concepção é completamente diferente daquela das sociedades capitalistas, que encaram a terra como uma mercadoria, podendo ser vendida ou arrendada a qualquer momento.



Desenvolvendo competências

1

Leia o mito dos Kaingang sobre a sua origem, coletado e relatado, em 1912, por Kurt Niemandajú, um estudioso das culturas indígenas.

A origem dos Kaingang

A tradição dos Kaingang afirma que os primeiros da sua nação saíram do solo; por isso têm cor de terra. Numa serra, não sei bem onde, no sudeste do estado do Paraná, dizem eles que ainda hoje podem ser vistos os buracos pelos quais subiram. Uma parte deles permaneceu subterrânea; essa parte se conserva até hoje lá e a ela se vão reunir as almas dos que morrem, aqui em cima. Eles saíram em dois grupos chefiados por dois irmãos, Kanyerú e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe consigo um grupo de gente. Dizem que Kanyerú e toda a sua gente eram de corpo delgado, pés pequenos, ligeiros, tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e seus companheiros, pelo contrário, eram de corpo grosso, pés grandes e vagarosos nos seus movimentos e resoluções.

Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 21, p. 86, 1986.

Como os Kaingang concebem a sua origem e a importância que suas terras tradicionais têm em termos culturais?

Observe que a saída dos homens por buracos do solo aconteceu num tempo indeterminado ainda não encerrado. Parte dos Kaingang ainda se conserva subterrânea, e a ela se unem as almas dos que morrem aqui, sobre a terra. Ou seja, essas terras são fundamentais para eles, de onde vieram, de onde ainda podem vir outros grupos de Kaingang, e para onde retornam as suas almas. Note que, embora a localização dos buracos pelos quais os grupos chefiados por Kanyerú e por Kamé subiram à superfície não seja precisa, está claro que o local existe concretamente, no sudeste do estado do Paraná. Portanto, essas terras têm que ser preservadas.

A Constituição de 1988 estipulou cinco anos para que todas as terras indígenas fossem demarcadas. Entretanto, até 2000, de um total de 592 áreas, a maior parte na região Norte – nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins e no Centro-Oeste – no estado do Mato Grosso – apenas 310 áreas (52%) estavam regularizadas, ou seja, reconhecidas por ato oficial do presidente da República e registradas em cartório público.

Essa demora na demarcação e regularização fundiária tem favorecido a contínua invasão das terras indígenas, o que resulta em conflitos com muitas vítimas entre os índios. Por isso, são recorrentes os protestos dos grupos indígenas, reivindicando a demarcação imediata de suas terras.



Desenvolvendo competências

2

Protesto

Em Aquidauana (190km de Campo Grande), na aldeia Ipegue, cerca de 5 mil índios, entre guaranis, caiuás, kadiweus, terenas, guatós e ofaié-xavantes, fizeram um protesto reivindicando a demarcação de terras. Em Dourados (220km de Campo Grande), aproximadamente 300 índios das etnias guarani, caiua e terena bloquearam das 7h às 13h a MS-156, rodovia que dá acesso ao município de Itaporã.

AGÊNCIA ESTADO. Protesto. Disponível em <<http://www.clajadep.hpg.ig.com.br/ba73.htm>>. Acesso em: 22 jul. 2002.

Responda em seu caderno:

Qual a reivindicação que os índios estão fazendo na notícia de jornal acima?

A notícia acima nos informa sobre um protesto feito por cinco mil índios de diferentes tribos (Guarani, Caiua, Kadiweu, Terena, Guató e Ofaié-Xavante), reivindicando a demarcação de terras. Lembre-se de que a notícia na abertura deste capítulo transcreve parte de uma declaração redigida por três mil chefes, representantes de 140 tribos indígenas. Esses atos mostram a organização e luta dos povos indígenas pelo reconhecimento da importância de suas culturas e pelo direito de preservar suas terras. Um fato essencial dessa luta é que, ao contrário do que se projetava nas décadas de 1960 e 1970, quando se supunha que a destruição total das populações indígenas era apenas uma questão de tempo, o número de índios cresceu vigorosamente nos últimos dez anos, conforme levantamento do Conselho Indigenista Missionário – CIMI. Enfim, falar sobre o processo de formação do território brasileiro implica refletir sobre a questão indígena e reconhecer que esse processo ainda está sendo definido.

OS ÍNDIOS NA POPULAÇÃO BRASILEIRA

O Brasil tem 8.511.996 quilômetros quadrados e concentra uma população de variadas descendências: americana, africana, européia e asiática. Tem como língua oficial o português. Porém, para alguns brasileiros, o português não é a primeira língua, ou seja, eles falam diariamente outros idiomas em suas casas, porque são imigrantes que se naturalizaram ou descendentes de imigrantes. Alguns conversam em espanhol, italiano, japonês ou armênio com seus filhos, pais, avós, marido ou esposa. Preservam costumes, comidas tradicionais e roupas de sua terra natal. Outros falam línguas indígenas, como tukano, yanomámi, tikuna, guarani. Mantêm seus costumes tradicionais, suas danças, seu modo de vida e de educação das crianças.

Quando os portugueses chegaram à América, em 1500, aprenderam com os índios a localizar os

caminhos para o interior, a se orientar e se alimentar nas matas, a encontrar colméias e colher o mel, a distinguir as plantas comestíveis. Ocuparam as clareiras já abertas pelos índios para construir suas vilas, aprenderam a utilizar venenos para pesca, assim como arcos e flechas na falta de pólvora. Os Munduruku, Tupari, Bororo, Zo'e, Waninawa e mais uma centena de povos, de culturas variadas eram os únicos senhores dessas terras até 1500.

O contraditório em nossa história é que, hoje, os índios, primeiros habitantes dessas terras, parecem estrangeiros em seu próprio país. Poucos brasileiros sabem falar as línguas indígenas e muitos exigem que os índios entendam português. Ademais, embora se afirme que o brasileiro é, basicamente, o resultado da miscigenação cultural e racial de ameríndios,

Conselho Indigenista Missionário – CIMI

é uma das várias entidades brasileiras, não ligadas ao governo federal, que apóiam os povos indígenas.

africanos e europeus, nossas escolas pouco ou nada discutem com seus alunos sobre os costumes, as crenças e o modo de vida das várias etnias que habitam e habitavam o território nacional.

Mas como eram essas terras quando o portugueses chegaram?

A CHEGADA DOS PORTUGUESES

Sabemos muito pouco sobre como eram as terras indígenas antes de 1500. Analisemos um dos primeiros documentos escritos descrevendo essas terras. Voltemos a 1500. Nesse ano, Pedro Álvares Cabral, com sua esquadra, chegou à costa das terras que viriam a constituir o Brasil. Entre outros, acompanhava-o o escrivo Pero Vaz de Caminha. Ele descreveu numa carta, encaminhada ao rei de Portugal, D. Manoel, o primeiro encontro dos portugueses com as terras americanas:

Neste dia, ao final do dia, tivemos a visão de terra, seja, primeiramente de um grande monte, mui alto e redondo, e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra plana, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome – o Monte Pascoal, e à terra – a Terra da Vera Cruz.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rey Dom Manoel*. Transcrita e comentada por Maria Angela Villela. 2. ed. São Paulo: Ediuoro, 2000. p.15.

TERRA DA VERA CRUZ

A princípio essas terras foram chamadas pelos portugueses Terra da Vera Cruz, depois Terra de Santa Cruz. Por volta de 1503, começaram a denominá-las Brasil.

Qual foi a primeira coisa que se distinguia na paisagem e que chamou a atenção de Pero Vaz de Caminha? Repare que foi um monte, ao qual viria a ser dado o nome de Monte Pascoal, e seus arredores. E que mais ele avistou? Vejamos.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra sul vimos até outra ponta que contra o norte, de que nós deste porto tivemos visão, será tamanha que haverá nela bem vinte

ou vinte cinco léguas por costa. Traz, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima toda plana e muito cheia de grandes arvoredos. (idem, p. 93)

Ele observou uma parte do litoral sul do estado da Bahia de hoje. Divisou também o que sua visão alcançava no interior, ou seja, o sertão, como eles chamavam.

Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender os olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia mui longa terra. (idem, p. 93)

A princípio, Pero Vaz de Caminha parecia estar muito impressionado com a extensão das matas. Elas iam até onde sua vista podia alcançar. Não é de estranhar esse fato, pois ele vinha de Portugal, que, no século XV, já havia abatido, em grande parte, suas áreas de matas. A madeira era um recurso natural fundamental para a sobrevivência, como ainda é. As caravelas eram construídas de madeira, a comida era preparada em fogão a lenha, o fogo aquecia as moradias.

Embora essa imagem que Caminha constrói sobre as matas nos leve a imaginar uma terra desabitada, ele logo desfaz essa sensação ao afirmar ter avistado homens na praia:

E quando fizemos vela, estariam já na praia assentados, junto ao rio, cerca de sessenta ou setenta homens que se juntaram ali aos poucos.

(idem, p. 21)

Ele descreve os homens que os portugueses encontraram:

A feição deles é serem pardos, quase avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andavam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam nenhuma coisa cobrir nem mostrar suas vergonhas; e estão em relação a isto com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.

(idem, p. 25)

Pero Vaz de Caminha observa justamente aqueles aspectos que os índios tinham de diferente dos portugueses: a cor, a nudez e sua aparência saudável. Cabe apontar que os marinheiros da esquadra de Cabral, como era comum naquelas longas viagens marítimas, quando chegaram à costa, estavam fisicamente debilitados, por

ficarem muito tempo em alto mar alimentando-se inadequadamente e tomando água insalubre. Muitos contraíram escorbuto, uma doença que decorre da falta de vitaminas e que pode levar à morte.

Em sua carta, Pero Vaz de Caminha anota que os degredados enviados à terra pelo Capitão para observarem o que havia mais ao interior, ao se juntarem novamente aos membros da esquadra, descreveram a povoação indígena que haviam visitado:

(...) foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam que eram tão compridas (...) Eram de madeira (...) e cobertas de palha, de razoável altura. (idem, 65)

Como será que as populações que viviam aqui denominavam essas terras antes de os portugueses chegarem? Isso não ficamos sabendo pela carta de Pero Vaz de Caminha, porque ele não nos diz. Ele não conhecia a língua falada pela população que encontrou, mas também não estava interessado em obter essa informação. Afinal, Pedro Álvares Cabral e sua frota estavam a serviço do rei de Portugal. Descobriram as terras para que D. Manoel tomasse posse delas. Tanto que uma das primeiras iniciativas deles ao desembarcarem foi dar o nome Terra da Vera Cruz às terras que começavam a conquistar. Em realidade, a princípio, acreditavam que haviam descoberto uma ilha. Note como Pero Vaz de Caminha encerra a sua carta:

Deste Porto Seguro, da vossa Ilha da Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

(idem, p. 95)

Repare que Pero Vaz escreve “vossa ilha da Vera Cruz”, afirmando que as terras pertenciam ao rei de Portugal, D. Manoel.

Os relatos de Caminha e de poucos outros viajantes, que aqui estiveram junto com Cabral ou logo nos primeiros anos seguintes, são os poucos documentos escritos que existem descrevendo as terras indígenas, antes de efetivamente ter sido iniciada a conquista territorial e de sua conseqüente transformação paisagística, populacional, cultural e social.

Note-se que, nos relatos feitos ao rei de Portugal, foi dada especial atenção aos detalhes mais

insalubre
não saudável.

importantes para a conquista, os habitantes e os recursos naturais, em detrimento de outros aspectos. Afora isso, como as culturas indígenas são muito diferentes das européias, os primeiros narradores não entendiam o significado de muitos costumes indígenas, não compreendiam as suas formas de organização social, econômica e política; conseqüentemente, interpretavam-nos de modo totalmente errado. Por exemplo, tradicionalmente, os índios não estabeleciam limites precisos para suas terras, pelo menos como fazemos hoje em dia, conforme se depreende da descrição seguinte, retratando a relação de muitos grupos indígenas com a terra:

Abriam suas roças, seus caminhos de caça e as trilhas para visitar outras aldeias. Quando o solo ou a caça se esgotavam, abriam caminho em outras direções mas conservavam de alguma forma os lugares das antigas moradas e os cemitérios em que enterravam seus mortos, percursos historicamente rememorados e que assinalavam a área de ocupação de cada grupo. (...) fronteiras naturais, como serras, rios etc., demarcavam os territórios, que também iam sendo conquistados com povos vizinhos.

VALADÃO, Virgínia. Terra e território. In: _____. *Índios do Brasil*. Brasília: MEC: Secretaria de Educação a Distância, 1999. p. 83. (Cadernos da TV Escola, 2).

Os primeiros europeus não reconheciam os caminhos indígenas, que podiam ser demarcados de forma muito sutil, ou seja, por um galho quebrado. Eram veredas a serem trilhadas em fila. Muito diferente de um caminho aberto para trânsito de cavalos, carroças e mercadorias, como acontecia na Europa. Esses lugares de antigas moradas conservadas por índios, a que o texto acima se refere, eram interpretados pelos europeus como aldeias abandonadas porque, quando as encontravam, elas estavam vazias.

o degredado

era uma pessoa exilada de seu país, afastada, como punição por um ato considerado crime. O governo português desembarcava os degradados à força, na costa, para aprenderem a língua e servirem depois como intérpretes e, principalmente, observarem as terras ao redor, seus habitantes e sua localização, para fornecerem informações àqueles que os seguiam.

Quanto aos cemitérios, os índios tinham crenças variadas e diferentes formas de encararem a morte, de tratarem e reverenciarem seus mortos, até porque não eram cristãos como os portugueses, que dificilmente distinguiram um cemitério indígena na paisagem.

Por tudo isso, pelo fato de não entenderem e aceitarem a diversidade cultural entre os povos, os europeus acreditavam que os índios eram selvagens e ainda estavam num estágio inicial de desenvolvimento social e cultural. Essa concepção interferia no modo de olhar e descrever as sociedades indígenas.

Os documentos escritos sobre as terras que formariam o Brasil e seus habitantes de antes da colonização ainda existentes são poucos, parciais e apresentam um quadro incompleto que pode levar a conclusões incorretas.

Com a dizimação de dezenas de tribos entre os séculos XVI e XX, perdeu-se a memória de muitos desses povos, importante para a pesquisa sobre como eram estas terras e os povos que aqui viviam antes da chegada dos portugueses.

A FIXAÇÃO DAS FRONTEIRAS BRASILEIRAS

Por volta de 1503, as terras recém-conquistadas pelos portugueses na América passaram a ser denominadas Brasil. Essas terras foram incorporadas aos domínios de Portugal como sua Colônia, ficando, portanto, sob sua posse e sua administração. A natureza foi explorada e transformada, e as terras repovoadas, conforme os interesses portugueses.



Desenvolvendo competências

3

Observe, ao lado, o mapa da Colônia portuguesa desenhado no início da colonização.

O mapa da primeira metade do século XVI retrata a Colônia portuguesa (o Brasil).

Descreva, em seu caderno, as informações que o mapa transmite sobre o Brasil.

Como a carta de Pero Vaz de Caminha, este mapa é um documento histórico. Isso significa que, por meio dele, é possível obtermos algumas informações sobre aquela época. Vamos fazer este exercício juntos. Repare que, no litoral, estão assinalados rios e outros acidentes geográficos. No interior do território, contudo, o mapa nos oferece representações de outra natureza: podemos observar desenhos retratando índios, macacos, felinos, répteis, aves, árvores. Diversamente da carta de Caminha, não vemos sinal de povoações. Os índios parecem habitar essas terras como os animais, sem transformar a natureza, sem



HOMEM, Lopo. Terra Brasilis: 1515-1519. In: Mapa do Atlas Miller. Localizado na Biblioteca Nacional de Paris.

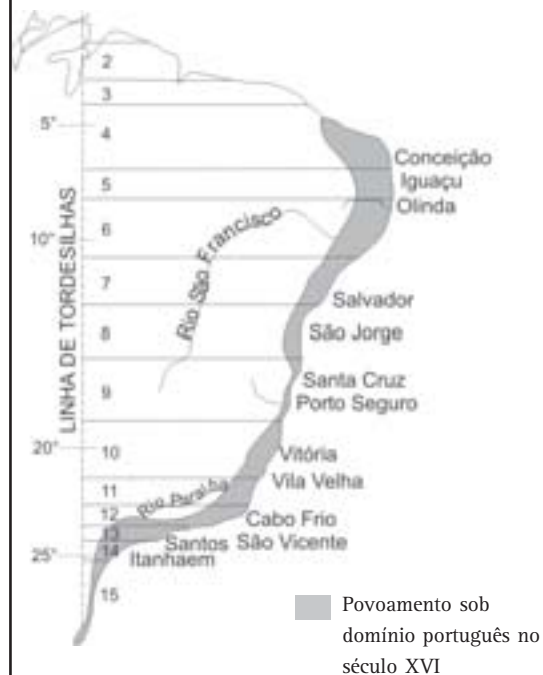
construírem moradias ou caminhos. Alguns índios estão totalmente pelados, próximos à costa, carregam pedaços de madeira, possivelmente pau-brasil, ou trabalham com um machado. A cena nos lembra que, num primeiro momento, os europeus comercializaram madeiras com as tribos indígenas do litoral. Outros índios vestem cocares, capas e tangas de penas, e seguram arcos e flechas, suas armas.

Parecem estar preparando-se para a luta. Era assim que os portugueses viam o Brasil no início da colonização. Conheciam a costa e dominavam parte dela, e imaginavam à sua maneira o que havia no interior. Os índios eram divididos em duas categorias: os mansos, que colaboravam e trabalhavam para os portugueses, e os bravos, que enfrentavam os invasores.

Desde o primeiro século da colonização, o mapa oficial do Brasil colônia (de 1500 a 1822) variou a partir de tratados estabelecidos entre Portugal e Espanha, como se aquelas terras não fossem ocupadas por povos indígenas. Boa parte da América do Sul ficou como domínio espanhol por conta do Tratado de Tordesilhas, que estabeleceu a primeira fronteira do Brasil.

As terras pertencentes a Portugal, situadas na região do Brasil, foram divididas em quinze porções, demarcadas por linhas paralelas ao Equador, que se estendiam da costa até uma linha imaginária que passava pela foz do Amazonas e terminava no litoral do atual estado de Santa Catarina. Cada porção foi denominada *capitania*, e entregue a um capitão donatário. Este ficou incumbido de povoá-la com colonos vindos de Portugal. Tudo que estava além daquela faixa, a oeste, pertencia à Espanha. Observe o mapa apresentado ao lado:

TRATADO DE TORDESILHAS E O POVOAMENTO DO BRASIL



Apesar do Tratado de Tordesilhas, esse mapa não expressava a realidade. Embora houvesse uma linha no mapa, separando as possessões portuguesas das espanholas, ela não assinalava o que efetivamente cada uma das potências européias dominava e o que já povoava. Significava somente o que os Estados Ibéricos – Portugal e Espanha – consideravam como colônias suas, independentemente de quem as ocupava. Observe novamente o mapa e você verá que, ao longo da costa brasileira, há uma mancha mais escura, que mostra a área de efetivo povoamento. Para além dessa mancha, o território era dominado por grupos indígenas, ou nações, como diziam os portugueses.

AS FRONTEIRAS, O POVOAMENTO E OS CONFRONTOS COM OS ÍNDIOS

Nos trezentos anos iniciais da colonização, embora Espanha e Portugal houvessem estabelecido fronteiras políticas e as demarcado nos mapas, não conseguiram conquistar efetivamente todas as terras dos índios, nem povoar boa parte do continente sul-americano. A expansão da área ocupada por fazendas de criação, lavouras e cidades caminhou vagarosamente e ficou bem aquém das fronteiras políticas dos domínios espanhóis e portugueses. Os grupos indígenas resistiram à invasão de suas terras, impedindo a efetivação do domínio português e espanhol.



Desenvolvendo competências

4

Compare o mapa ao lado com um mapa do Brasil atual e anote em seu caderno os estados que estavam ocupados por colonos portugueses e os que estavam povoados por índios no século XVIII.

POVOAMENTO DO BRASIL NO SÉCULO XVIII



Adaptado de AZEVEDO, Aroldo de. *Terra brasileira*. 38. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1964.

Em 1822, na época da Independência, o Brasil já tinha quase a mesma conformação do território brasileiro atual, conseguida através de acordos diplomáticos entre Portugal e Espanha.

Entretanto, tais acordos desconsideravam os grupos indígenas que habitavam e dominavam as terras brasileiras. Portugal e Espanha consideravam como suas possessões terras que, em realidade, seus colonos não haviam povoado integralmente. O processo de avanço da área colonizada foi árduo.

A resistência indígena à invasão e à escravização se estendeu penosamente do início da colonização portuguesa ao século XX. Podemos enumerar

centenas de confrontos. Como exemplo, apontamos a luta dos Kaingang, de Guarapuava, no Paraná, nos séculos XVIII e XIX; dos Tupinikim, em Ilhéus, no litoral sul da Bahia e no Espírito Santo, e dos Potiguara, na Paraíba, no século XVI; dos Tamoio, no Rio de Janeiro, e dos Guaiacuru, no Pantanal, no século XVIII; dos Xavante, em Goiás, e dos Kadiwéu, no Mato Grosso do Sul, no século XIX; e dos Maxakali, em Minas Gerais, no século XX. Muitas tribos levaram os colonos a sérios reveses, dificultando o seu avanço por mais de uma década. Foram várias guerras. O resultado foi desastroso: ao redor de 1.477 povos indígenas vítimas de extinção.



Desenvolvendo competências

5

Vamos analisar um outro documento histórico. Veja, a seguir, o relato de soldados que buscavam tomar terras dos Kaingang, na bacia do Tibagi, no Paraná, no final do século XVIII. É parte de um diário, escrito entre 1768 e 1774, sobre uma expedição enviada por representantes das autoridades portuguesas, para conhecimento daquelas terras e dos índios que as habitavam.

As contínuas saídas do gentio, que ocupa os grandes Sertões do Tibagi há 9 anos a esta parte, tendo morto bastantes pessoas, e achando-se já muito próximo da estrada, que vem da cidade de S. Paulo para estes Campos Gerais, e Rio Grande; as muitas fazendas, que se tem despovoado (...) no meio destes sertões povoados de várias nações do gentio, movem ao ilustríssimo e excelentíssimo senhor general a mandar invadir o dito sertão.

Notícia da conquista e descobrimento dos sertões do Tibagi, na capitania de S. Paulo, no Governo do General D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, conforme ordens de sua Majestade. 1768 – 1774. ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, v. 76, p. 77, 1956.

No mesmo documento, o próprio comandante afirma que os índios que habitavam a bacia do rio Tibagi, chamado de sertão do Tibagi, os Kaingang, ocupavam aquelas terras. Apesar disso, e diferentemente da concepção dos indígenas, os portugueses consideravam aquelas terras como parte do domínio do rei de Portugal. Uma vez que esses índios que as habitavam atacavam as fazendas em que tentavam se estabelecer, ali o general ordenou a invasão, o que significava destruição dos índios e de suas aldeias.

Leia, na próxima página, a passagem seguinte do diário, em que fica claro o reconhecimento de que os índios dominavam aquelas terras (eram os “senhores da casa”), assim como as conheciam muito bem, tanto que sabiam suas “entradas e saídas”, ou seja, conseguiam se localizar e se orientar em seus caminhos.

Tanto que o dito capitão nos informou do caso que determinou Sua Senhoria ir sobre eles (índios) com uma partida de cavalo (...) porém foi uma esquadra marchado com a presteza possível ao alcance deles, não chegaram a ver senão rasto (...) pois eles como senhores da casa sabem das entradas e saídas.

Notícia da conquista e descobrimento dos sertões do Tibagi, na capitania de S. Paulo, no Governo do General D. Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, conforme ordens de sua Majestade. 1768 - 1774. ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, Rio de Janeiro, v. 76, p. 232, 1956.

AS TERRAS INDÍGENAS

Ainda que, desde a Independência (1822), o mapa político do Brasil tenha sofrido poucas alterações, os índios não abandonaram as terras e eram os únicos habitantes de extensa porção do território nacional. As lutas pelas terras indígenas não acabaram no século XIX e nem no XX. Lembre-se de que, durante as comemorações dos 500 anos do descobrimento, os povos indígenas reivindicavam a demarcação de suas terras.

Examine o depoimento feito em 1994 por Jorge Lemes Ferreira Ibã Kaxinawá, sobre os ataques a índios no Acre, visando à apropriação de suas terras.

(...) quando meu pai começou a trabalhar, ele me contava a história de que ele vivia muito preocupado devido às correrias. Tanto caucheiro peruano como patrão cariú maltratavam muito os índios: matavam, invadiam, tratavam índio que nem bicho da mata. Peruano atacava, matava gente e tocava fogo no kupixawa. Jogavam meninos pequenos para o alto e aparavam em ponta de faca. Finada minha avó contava isso para mim. Matavam os homens todos e amarravam as mulheres para levar. Arrasavam os kupixawas dos moradores, tocavam fogo. Meu avô me contava. Os índios entravam dentro de buraco

do tatu canastra para poder escapar, salvar a vida. Quando paravam de vir aqueles caucheiros, via quantidade de índios tudo morto, de bala, furado de faca.

IBÃ KAXINAWÁ, Jorge Lemes Ferreira. *Professores índios do Acre e do sul do Amazonas: história indígena*. Rio Branco: Comissão Pró-Índio, 1996. p. 35 e 37. Entrevista em março de 1994.

Você deve ter observado que a história do Acre e das invasões das terras indígenas nessa região estavam relacionadas à extração da borracha. Note como os índios Kaxinawá, habitantes das florestas acreanas, foram tratados pelos seringalistas, seringueiros e caucheiros.

As fronteiras brasileiras atuais envolvem terras de povos indígenas, sendo que boa parte ainda não está demarcada, como já afirmamos no início deste capítulo. Existem, porém, grupos que estão fora dessas áreas e evitam o contato com a sociedade brasileira. O CIMI – Conselho Indigenista Missionário – informa que existem, neste início do novo milênio, mais de 40 povos indígenas livres ou isolados (sem contato com a sociedade brasileira) vivendo nos estados do Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Mato Grosso, Maranhão e Goiás.

correrias

época em que os índios da Amazônia andavam de um lado para o outro fugindo dos seringalistas e dos caucheiros.

caucheiro

que extrai o caucho (um látex do qual se faz borracha).

cariú

povo brasileiro.

kupixawa

grande maloca Kaxinawá.



Desenvolvendo competências

6

Leia parte do relato sobre o contato, na década de 1970, com um povo livre, os Panará, conhecidos então como Krenakarore, ou índios gigantes.

Ao serem descobertos pelos brancos, há pouco menos de 30 anos, os Panará recusaram o contato e embrenharam-se na floresta. Durante muito tempo, permaneceram arredios, resistindo às tentativas de aproximação. Em 1973, ao recolherem presentes com que os indigenistas queriam provar suas intenções pacíficas, foram contagiados e dizimados por epidemias. Os sobreviventes aceitaram, então, o contato. O que aconteceu depois parece ter confirmado a afirmação dos anciãos de que os brancos, sim, é que são “selvagens”. Quase reduzidos à mendicância, foram transferidos para o parque do Xingu, onde nunca se adaptaram. Mesmo assim, a população jovem aumentou e a lembrança da terra tradicional manteve-se viva. Por isso, há pouco mais de cinco anos, tomaram uma decisão histórica: começaram a identificar os lugares de suas antigas aldeias e a voltar.

SCHWARTZMAN, Stephan. Panará: a saga dos índios gigantes. *Ciência Hoje*, São Paulo, v. 20, n. 119, p.27, abr. 1996.

Responda em seu caderno:

O que os Panará sabiam sobre os “brancos”, antes de entrarem em contato com os indigenistas? Quem havia transmitido a eles essas informações?

Esses índios Panará, segundo pesquisas, são descendentes dos Kayapó do Sul, que, do século XVII ao XIX, se distribuíam em terras do oeste paulista, Triângulo Mineiro, Mato Grosso do Sul e sul do Mato Grosso. Com a expansão das fazendas em direção ao seu território, entre o final do século XIX e início do XX, eles evitaram o contato, migrando para a região das bacias dos rios Peixoto e Iriri, entre Mato Grosso e Pará. Consideravam os brancos maus e perigosos. A sua história revela que esses grupos, que ainda hoje fogem ao contato com a sociedade brasileira, resistem à invasão de suas terras e, quando não conseguem, se refugiam em áreas de difícil acesso.

TERRAS DOS ÍNDIOS E TERRITÓRIO NACIONAL

Apesar da destruição trazida pelo colonizador português e da diminuição drástica de sua população, os índios têm subsistido ao longo desses 500 anos, têm imposto, constitucionalmente, o respeito às suas culturas e têm reivindicado suas terras. Esse é um processo que é parte da história da formação do território

brasileiro, e que ainda está em andamento.

Ao longo do tempo, os confrontos entre povos e culturas constituíram-se em processos sociais e políticos que modelaram as fronteiras nacionais, como nós as conhecemos hoje. A história do Brasil exemplifica como as fronteiras foram delimitadas por processos de ocupação e confisco de terras, guerras e acordos diplomáticos. E, apesar de estarem definidas com a consolidação do Estado Nacional brasileiro, os conflitos envolvendo o território continuam até hoje, diante do direito das populações indígenas de resguardarem para si suas terras tradicionais, e, assim, garantirem sua própria continuidade física e cultural.

Quando os índios brasileiros clamam hoje pela demarcação de suas terras, indicam o caráter conflituoso do processo de formação do território nacional e a permanência de tensões, revelando a instabilidade das situações presentes.



Desenvolvendo competências

7

Leia os textos abaixo e, em seguida, assinale a alternativa correta.

1- Depoimento de um índio da Aldeia de Limão Verde:

Nós vivemos entre o morro e aquela cerca. Não sabemos por que a cerca muda constantemente de lugar, ela se aproxima cada vez mais do morro. Um dia a gente planta um mandiocal e ele está do nosso lado. O mandiocal cresce, e, quando a gente sai e vai colher a mandioca, verifica que a cerca mudou e o nosso mandiocal passou para o outro lado. Nós perdemos a mandioca ou somos considerados ladrões se passarmos a cerca para apanhá-la. A cerca anda e um dia ela vai encontrar o morro. Neste dia nós teremos desaparecido.

ZENUN, Katsue Hamada; ADISSI, Valeria Maria Alves. *Ser índio hoje*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 28. (História Temática Retrospectiva).

Qual dos artigos da Constituição de 1988, abaixo relacionados, possibilita que os índios da Aldeia de Limão Verde entrem na justiça contra seus vizinhos para impedir o movimento da cerca?

- a) Art. 176: “As jazidas, em lavras ou não, e demais recursos minerais e os potenciais de energia hidráulica constituem propriedade distinta do solo, para efeito de exploração ou aproveitamento, e pertencem à União, garantida ao concessionário a propriedade do produto da lavra”.
- b) Art. 210, parágrafo 2º: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.
- c) Art. 215: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.
Parágrafo 1º: “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”.
- d) Art. 231, parágrafo 2º: “As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes”.
Parágrafo 4º: “As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis”.

2- Artigo 231: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

parágrafo 1º: “São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.”

A partir do artigo 231 e de seu parágrafo 1º, podemos afirmar que a Constituição de 1988:

- a) despreza a importância que a terra tem para a preservação das populações indígenas.
- b) reconhece a importância da preservação dos índios e de suas terras.
- c) nega os direitos originários dos índios sobre suas terras.
- d) cria mecanismos para a integração dos índios ao mundo do trabalho.



Conferindo seu conhecimento

7

1 (d)

2(b)

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar diferentes formas de representação de fatos e fenômenos histórico-geográficos expressos em diferentes linguagens.
 - Reconhecer transformações temporais e espaciais na realidade.
 - Interpretar realidades históricas e geográficas estabelecendo relações entre diferentes fatos e processos sociais.
 - Comparar diferentes explicações para fatos e processos históricos e/ou geográficos.
 - Considerar o respeito aos valores humanos e à diversidade sociocultural, nas análises de fatos e processos históricos e geográficos.
-

CESU

CUSTÓDIO FURTADO DE SOUZA

HISTÓRIA

**UNIDADE II
MOVIMENTOS POLÍTICOS
PELOS DIREITOS DOS ÍNDIOS**

ENSINO FUNDAMENTAL

Capítulo V

Movimentos políticos pelos direitos dos índios

Quando os portugueses chegaram às terras brasileiras, encontraram vários povos com línguas, tradições e modos de vida diferentes dos moradores da Europa. Europeus e índios envolveram-se em muitos conflitos pela ocupação e uso das terras, desde 1500 até a atualidade. Nas páginas seguintes, você encontrará algumas informações e questionamentos sobre a situação das populações indígenas hoje. Também poderá ler e refletir sobre a história de contato entre índios e não-índios.

O que você sabe sobre os índios brasileiros? Onde vivem? Como vivem? Quais as relações que mantêm com os não-índios? Quais os problemas que enfrentam hoje em dia? Faça algumas anotações em seu caderno, antes de prosseguir na leitura do texto. Use seu caderno sempre que for solicitada uma resposta. Assim, você poderá estudar com bastante proveito e comparar suas respostas às idéias oferecidas neste texto.



Figura 1 - Ailton Krenak pinta o rosto durante a defesa de uma das emendas populares sobre os direitos indígenas na Assembléia Nacional Constituinte, 1988. Foto: Reynaldo Stavale /ADIRP. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 159.



Desenvolvendo competências

1

1. O que está fazendo a personagem retratada na foto?
2. A frase escrita embaixo da fotografia é chamada de legenda. Lendo a legenda, você conseguiu descobrir quem é o personagem?

O nome do personagem é:

- a) Aílton Krenak, do povo Krenak.
- b) Galdino Pataxó, do povo Pataxó.
- c) Davi Yanomami, do povo Yanomami.
- d) Marçal de Souza Guarani, do povo Guarani.

O personagem pintando o rosto é Aílton Krenak, um representante dos povos indígenas junto ao governo e à sociedade brasileira. Os índios costumam trazer o nome do povo (Krenak, Terena, Pataxó, Yanomami, Guarani) junto com o primeiro nome (Aílton, Marcos, Galdino, Davi, Marçal). Se você leu com atenção a legenda, descobriu que a alternativa correta é a letra (a).

Cada povo indígena tem um nome diferente: Krenak, Guarani, Kaiapó, Terena, Kaingang, Pataxó, Krahô... São mais ou menos 280 povos espalhados pelo Brasil, que falam mais de 180 línguas. Se existem vários povos com nomes e línguas diferentes, por que eles são chamados de índios? Você tem alguma idéia? Leia a explicação dada por Aílton Krenak:

Antes de ter encontrado os brancos, eu nunca tinha ouvido falar da palavra índio. Os brancos é que nos chamam assim. (...) desde a hora que os portugueses chegaram aqui, eles começaram a chamar a minha tribo, o meu povo, com esse apelido de índio. E não conseguiram até hoje entender que nós somos (...) povos diferentes, cada um com uma identidade própria, habitando diferentes lugares do Brasil.

KRENAK, Aílton apud. SIMÕES, J. A.; MACIEL, L. A. (Coord.). *Pátria amada esquartejada*. São Paulo: DPH-SMC, 1992. p. 133.

Os portugueses pensaram que as terras descobertas por Pedro Álvares Cabral, em 1500, eram as Índias. Confundiram esses povos com os moradores da Índia (localizada na Ásia) e passaram a chamá-los de índios.



Desenvolvendo competências

2

- De acordo com o texto apresentado, “índio” é um apelido dado pelos portugueses para:
- a) os povos africanos, que são muito semelhantes entre si.
 - b) os povos africanos, que são muito diferentes entre si.
 - c) os povos que já habitavam o Brasil, muito diferentes entre si.
 - d) os primeiros povos que habitaram o Brasil, muito semelhantes entre si.

O texto que você leu não falava dos povos africanos, o que exclui as alternativas A, B. Ele diz que os povos indígenas são diferentes uns dos outros nas suas línguas, seus modos de viver e suas histórias do contato com os não-índios. Assim, a alternativa correta é a letra C. A alternativa D está incorreta, de acordo com a opinião de Ailton Krenak, que destaca, no texto, as diferenças. Além disso, o verbo habitar está

conjugado no passado (habitaram) o que dá a idéia de que hoje não há mais habitantes indígenas no território brasileiro.

Os povos indígenas são muito diferentes entre si. Mas pintar o rosto para participar de festas ou em momentos importantes (quando termina o luto de um parente, por exemplo) é um costume comum a todos eles. Por que será que Ailton Krenak estava pintando o rosto?



Desenvolvendo competências

3

1. Observe a Figura 2 e leia a legenda para saber o que estava acontecendo na época em que o retrato de Ailton Krenak foi tirado.
2. O que mostra a Figura 2? O que um dos personagens está lendo? Quais as informações apresentadas na legenda?
3. Qual o lugar e a época em que a fotografia foi tirada? Qual o nome do fotógrafo?



Figura 2 - Índios Kayapó. Brasília, 1988.

Foto: Guilherme Rangel / ADIRP. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 161.

OS MOVIMENTOS INDÍGENAS E A QUESTÃO DAS TERRAS

Os Kayapó, junto com os Xavante, os Guarani, os Pataxó e muitos outros povos indígenas organizaram movimentos para preservação das suas culturas e das terras onde moram hoje. Muitas das suas reivindicações políticas transformaram-se em lei federal. Os direitos assegurados na Constituição de 1988 representam uma das vitórias que as populações indígenas e seus aliados da sociedade brasileira tiveram nas lutas pelo respeito à diversidade. Diz o artigo 231:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

As leis sobre as terras indígenas reconhecem que os índios eram os senhores dessas terras, quando os portugueses atravessaram o Oceano Atlântico e desembarcaram em Porto Seguro (Bahia), em 1500. Por essa razão, as populações indígenas têm *direitos originários* sobre as terras que ocupam, como está escrito no artigo acima.

O texto da Constituição considera os índios cidadãos como os outros brasileiros e garante às sociedades indígenas os direitos às terras e à diferença cultural. Davi Kopenawa, do povo Yanomami, explica por que os índios lutaram para conquistar esses direitos:

Nós descobrimos estas terras! Possuímos os livros e, por isso, somos importantes!, dizem os brancos. Mas são apenas palavras de mentira. Eles não fizeram mais que tomar as terras das gentes da floresta para se pôr a devastá-las. Todas as terras foram criadas em uma única vez, as dos brancos e as nossas, ao mesmo tempo que o céu. Tudo isso existe desde os primeiros tempos, quando Omana nos fez existir. É por isso que não creio nessas palavras de descobrir a terra do Brasil. Ela não estava vazia!

KOPENAWA YANOMAMI, Davi. Descobrindo os brancos. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 19. (Brasil 500 anos: experiência e destino).



Desenvolvendo competências

4

De acordo com a explicação de Davi sobre a descoberta do Brasil:

- a) os portugueses descobriram essas terras antes dos índios.*
- b) os índios descobriram essas terras depois dos portugueses.*
- c) os portugueses descobriram as terras brasileiras antes dos africanos.*
- d) os índios foram os primeiros habitantes das terras brasileiras.*

As alternativas (a) e (b) querem dizer a mesma coisa: que os brancos descobriram essas terras, que estavam vazias quando eles chegaram. Os índios chegaram depois, os brancos é que descobriram essas terras, é o que essas alternativas afirmam. Essas alternativas são incorretas, de acordo com a opinião de Davi Yanomami. Ele não falou sobre os africanos, mas os portugueses os trouxeram da África para trabalharem como escravos nas fazendas, minas etc. Assim, podemos excluir também a alternativa (c). A alternativa (d) está correta.

Conforme o depoimento de Davi, os índios descobriram essas terras antes dos brancos. Quando os brancos chegaram, as terras brasileiras não estavam vazias: eram ocupadas por vários povos muito diferentes uns dos outros. A quantidade de pessoas que viviam nessas terras é um assunto polêmico. O quadro abaixo apresenta os números estimados por vários pesquisadores (coluna da esquerda) para as terras baixas da América do Sul (coluna da direita). Nessa região, está localizado o Brasil.

Leia o quadro abaixo. Qual a menor estimativa para a população? Qual a maior estimativa para a população? Copie os dados apresentados no quadro em seu caderno.

<i>Nome dos Pesquisadores</i>	<i>Estimativa população indígena (em milhões)</i>
Sapper	3 a 5
Kroeber	1
Rosenblat	2,03
Steward	2,90 (1,1 no Brasil)
Dobyns	9 a 11,25
Denevan	8,5 (5,1 na Amazônia)

Adaptação de quadro apresentado em CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 14.

De acordo com os dados que vemos no quadro, as estimativas variam de 1 a 8,5 milhões de pessoas. Essa população contada em milhões foi reduzida, na atualidade, a 350 mil pessoas devido às guerras e doenças. Mas a população indígena está aumentando nos últimos anos.



Desenvolvendo competências

5

A sociedade brasileira, por sua Constituição, reconhece os direitos indígenas. O que você pensa sobre o direito dos povos indígenas às terras? Converse com seus amigos e amigas e amadureça suas idéias sobre o assunto. Depois, faça algumas anotações.

Lembra-se do Ailton Krenak, o personagem retratado na FIG. 1? Leia o depoimento dele sobre a importância da preservação das terras para o seu povo:

O território tradicional do meu povo vai do litoral do Espírito Santo até entrar nas serras mineiras, entre o vale do rio Doce e o São Mateus. Mesmo que hoje só tenhamos uma reserva pequena no médio rio Doce, quando penso no território do meu povo, não penso naquela reserva de 4 mil hectares, mas num território onde a nossa história, os contos e as narrativas do meu povo vão acendendo luzes nas montanhas, nos vales, nomeando os lugares e identificando na nossa herança ancestral o fundamento da nossa tradição.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauro (Org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 25-26. (Brasil 500 anos: experiência e destino).

Todos os índios precisam da terra para plantar, pescar, caçar, coletar, produzir objetos usados no trabalho e nos rituais, construir casas, curar doenças e fazer festas. Por isso, a demarcação das terras é muito importante para a sobrevivência dos povos indígenas.

No depoimento acima, Ailton Krenak também explica como a preservação da terra e da tradição estão ligadas. Ele diz que as montanhas, os vales, os lugares do território onde vive o seu povo guardam suas histórias e a herança dos antepassados. Isso não acontece apenas com os Krenak. Os outros índios também conhecem profundamente as plantas, os bichos, as aves, os peixes, as águas, o solo, o subsolo e os seres sobrenaturais dos territórios onde vivem. Ao longo de milhares de anos, essas sociedades foram acumulando conhecimentos sobre flora, fauna, solo, subsolo, águas, estações da natureza, técnicas de trabalho, convívio social, origem do mundo, religião, linguagens etc. Esses conhecimentos estão vinculados às terras onde vive cada grupo indígena. O tamanho das terras tradicionais dos Krenak aumentou ou diminuiu com a demarcação da

reserva? Antes da chegada dos portugueses, não existiam limites precisos entre os territórios dos povos que habitavam a América. As fronteiras tinham como referências as serras, os rios, os sítios das antigas ocupações etc. As áreas demarcadas são reduções desses territórios tradicionais. Mas a demarcação e os limites são fundamentais para proteger as terras indígenas contra as invasões. Muitos grupos indígenas tiveram a iniciativa de demarcar suas terras, buscando apoio de aliados das organizações não governamentais. Eles também decidiram acompanhar a colocação dos marcos e limites, além de cuidarem da vigilância e defesa das áreas demarcadas.

O reconhecimento oficial de uma área indígena é feito em etapas: **identificação e delimitação, demarcação, homologação e regularização**. Durante esse processo, são feitos vários estudos técnicos e administrativos:

identificação e delimitação – Nessa etapa, são realizados o levantamento e o estudo dos sítios que o grupo considera importantes para a sua cultura e história. Também são estabelecidos os limites geográficos do território. Os técnicos contratados pela FUNAI encaminham relatórios (laudos) para o Ministério da Justiça.

demarcação – O Ministério da Justiça emite Portaria demarcando os limites da área. Os limites definidos são materializados através da abertura de picadas e da colocação de marcos e placas de sinalização.

homologação – O presidente da República publica o decreto de homologação da terra indígena no Diário Oficial, aprovando os trabalhos de demarcação.

regularização fundiária – Finalmente, a área é inscrita e registrada no Departamento de Patrimônio da União e no cartório imobiliário da Comarca onde está localizada.

Os processos de demarcação das terras indígenas são muito demorados. Em muitas áreas, levaram mais de dez anos para serem concluídos. Em outras, esses processos ainda não chegaram ao fim. Essa lentidão tem como resultado invasões das terras indígenas para exploração dos recursos naturais pelos não-índios, implantação de projetos e obras (estradas, quartéis, hidrovias, hidrelétricas, etc.) que causam destruição ambiental e a redução dos limites demarcados nos laudos.

POLÊMICAS SOBRE A QUESTÃO DAS TERRAS INDÍGENAS

Não são todos os brasileiros que respeitam os direitos dos índios. Existem pessoas que consideram as leis sobre as terras indígenas obstáculos à exploração das riquezas existentes no solo e no subsolo brasileiros. São políticos, militares, empresários, madeireiros, garimpeiros, que questionam esses direitos e apóiam a exploração dos recursos naturais das terras demarcadas ou em processo de demarcação.

Os conflitos de interesses se multiplicam na região da floresta Amazônica, chamada de

Amazônia Legal. Eles acontecem entre os povos do Parque do Xingu e os fazendeiros (Mato Grosso), entre os Yanomami e os garimpeiros (Roraima), entre os piabeiros e as comunidades indígenas do Rio Negro (Amazonas)... Esses são apenas alguns dos casos de desrespeito aos direitos indígenas. Os interesses que motivam os invasores são diversos: exploração turística e jornalística, construção de hidrelétricas, hidrovias e estradas, extração da madeira, prospecção de minérios, monitoramento de pontos estratégicos nas fronteiras.

TERRAS INDÍGENAS BRASILEIRAS



Figura 3

ARANTES, Vera Maria. (Coord. Geral). *Índios no Brasil*. Brasília: MEC, c1999. p.26. (Cadernos da TV escola).



Desenvolvendo competências

6

Observe o mapa acima.

1. Quais as regiões onde se localiza a maioria das terras indígenas? Pinte essas regiões com lápis colorido.
2. Qual será a explicação para a concentração de terras indígenas em algumas regiões? Anote suas hipóteses no caderno.



Desenvolvendo competências

7

1. Compare os mapas das Figuras 3 e 4. O que é igual e o que é diferente nos dois mapas?
2. Pinte no mapa as regiões onde há sobreposições de áreas indígenas e unidades de conservação.
3. Crie uma legenda para o mapa. Com o lápis da mesma cor, desenhe e preencha um quadrado pequeno na linha abaixo da Figura 4. Ao lado do quadrado, escreva uma frase curta explicando o que essa cor representa no mapa.

OS ÍNDIOS E A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA

A sobreposição entre áreas indígenas e unidades de conservação é um assunto polêmico. Os ambientalistas, de um lado, não reconhecem os direitos dos povos indígenas sobre áreas decretadas como unidades de conservação no passado. Representantes indígenas e seus aliados políticos, de outro lado, não aceitam as restrições ao uso das terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, colocadas pelos decretos de criação dessas áreas. A Lei nº 9.985, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) em julho de 2000, tem um artigo que trata desse impasse. O artigo 57 diz que:

...os órgãos federais responsáveis pela execução das políticas ambiental e indigenista deverão instituir grupos de trabalho para (...) propor as diretrizes a serem adotadas com vistas à regularização das eventuais superposições entre áreas indígenas e unidades de conservação.

Para resolver esse impasse, os Ministros da Justiça, José Gregori, e o do Meio Ambiente, Sarney Filho, editaram uma Portaria (8/11/2000) criando um grupo de trabalho integrado por representantes de órgãos do governo, entidades ambientalistas, indigenistas e organizações indígenas.



Desenvolvendo competências

8

Você foi convidado para compor o grupo de trabalho que deverá apresentar propostas para a solução dos impasses ligados à sobreposição das unidades de conservação e das terras indígenas. Qual seria a sua proposta? Anote no seu caderno suas idéias e sugestões sobre essa questão.



Desenvolvendo competências

9

1. Quais os Estados brasileiros localizados na Amazônia Legal?





Desenvolvendo competências

10

1. Observe a Figura 6. Lendo a legenda é possível identificar qual o tema representado no mapa ? Outros elementos do mapa ajudaram você a identificar o tema? Anote suas respostas no caderno.
2. Crie um título para o Mapa.
3. Compare os mapas das Figuras 5 e 6. Em que estados existem mais manchas representando as áreas com requerimento de prospecção mineral?

MAPA COM ÁREAS DE REQUERIMENTO DE PROSPECÇÃO MINERAL



Figura 6

BRASIL: recursos minerais. In: SIMIELLI, Maria Elena Ramos. *Geoatlas*. 31. ed. ampl. atual. São Paulo: Ática, 2002. p.83.

DIFERENTES CONCEPÇÕES DA NATUREZA

Os conflitos entre os povos indígenas e a sociedade brasileira surgem das diferenças entre suas concepções de natureza. Conforme você leu no texto, existem alguns grupos brasileiros que consideram as terras indígenas e as unidades de conservação ambiental como obstáculos ao desenvolvimento econômico do Brasil. Quem são as pessoas que fazem parte desses grupos? Outros grupos da sociedade brasileira defendem a idéia de que a natureza deve ser preservada e, para isso, é necessário manter os homens afastados dela. É esse o argumento dos ambientalistas e simpatizantes da preservação da natureza, que consideram os índios como uma ameaça ao meio ambiente. Existe também o pensamento de que os índios, assim como a flora e a fauna, devem ser protegidos da destruição causada pelo contato com os não-índios. Para aqueles que partilham essa idéia, eles são o símbolo da inocência e da preservação da natureza. Essa imagem dos índios como defensores da natureza é muito difundida entre os brasileiros, assim como em outras sociedades do mundo todo.

Nem todos os índios têm as mesmas idéias sobre a natureza. Também existem diferentes idéias de natureza entre os grupos indígenas. Mas todos eles compartilham da idéia de que a natureza e os seres humanos estão ligados.

INTERESSES MINERÁRIOS

As terras dos Yanomami, localizadas na fronteira entre o Brasil e a Venezuela (estados do Amazonas e Roraima), foram invadidas várias vezes pelos garimpeiros. As primeiras invasões aconteceram quando a existência das jazidas minerais foi divulgada, em 1975. Quase vinte anos depois (1993), uma comunidade foi chacinada na região de Haximu. Mais de mil garimpeiros continuam em ação nas regiões Surucucu, Parafuri e Xiriana, na terra Yanomami. Junto com os garimpeiros, apareceram a prostituição e as DST (doenças sexualmente transmissíveis). As degradações ambientais causadas pelo garimpo aumentam o número dos casos de malária.

Os garimpeiros fornecem armas e munição para comunidades rivais, estimulando a violência entre os Yanomami. As comunidades que reagem ao garimpo são massacradas e os corpos das vítimas escondidos na floresta. Os sobreviventes ficam desconsolados por não poderem realizar seus rituais funerários e muito amedrontados pelas doenças que os invasores estão trazendo. Então, eles organizam expedições de guerra com as comunidades aliadas, que guerreiam para vingar os parentes mortos.

O xaporê Davi Kopenawa, um dos pajés Yanomami, explica por que os nabebe, os não-índios, causam tantas doenças nas pessoas e na floresta:

...Agora sabemos da origem da xawara. No começo, nós pensávamos que ela se propagava sozinha, sem causa. Agora ela está crescendo muito e se alastrando em toda parte. O que chamamos de xawara (...) Omanê [o criador da humanidade Yanomami] a mantinha escondida e não queria que os Yanomami mexessem com isto. (...) Ele dizia também: 'Se isso fica na superfície da terra todos Yanomami vão começar a morrer à toa!' (...) Mas hoje os nabebe, os brancos, depois de terem descoberto nossa floresta, foram tomados por um desejo frenético de tirar essa xawara do fundo da terra... (...) Xawara é também o nome do que chamamos booshikê, a substância do metal, que vocês chamam minério. Disso temos medo. A xawara do minério é inimiga dos Yanomami, de vocês também. Ela quer nos matar. Assim, se você começa a ficar doente, depois ela mata você. Por causa disso, nós, Yanomami, estamos muito inquietos.

NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 191-193.



Desenvolvendo competências

11

Conforme o depoimento de Davi, por que os nabebe, os não-índios, estão deixando os Yanomami e a floresta doentes?

Davi está preocupado com o que poderá acontecer aos povos no futuro, se não pararem de destruir a Urihi:

... Quando os brancos tiram o ouro da terra, eles o queimam, mexem com ele em cima do fogo como se fosse farinha.

(...) Quando os brancos sequeçam o ouro dentro de latas com tampas bem fechadas e deixam essas latas expostas à queimadura do sol, começa a sair uma fumaça (...) que não se vê e que se alastra.

(...) Quando essa fumaça chega ao peito do céu, ele começa a ficar muito doente, ele começa também a ser atingido pela xawara. A terra também fica doente. E mesmo os bekurabê, os espíritos auxiliares do pajés, ficam muito doentes. Mesmo Omanê está atingido. Deosimê (Deus) também. (...)

Tem também a fumaça das fábricas. (...) Por isso, agora a xawara cresceu muito. Ela está muito alta no céu, alastrou-se muito longe... O trovão vai ficar doente também e vai gritar de raiva, sem parar, sob o efeito do calor...

Assim, o céu vai acabar rachando. Os pajés Yanomami que morreram já são muitos e vão querer se vingar... Quando os pajés morrem, os seus bekurabê, seus espíritos auxiliares, ficam muito zangados. Eles vêem que os brancos fazem morrer os pajés, seus 'pais'. Os bekurabê vão querer se vingar, vão querer cortar o céu em pedaços para que ele desabe em cima da terra: também vão fazer cair o sol, o céu vai ficar escuro. Nós queremos contar isso para os brancos, mas ele não escutam. Eles são outra gente e não entendem.

NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 191-193.



Desenvolvendo competências

12

Histórias de hoje, histórias de ontem...

As disputas pelas terras indígenas aconteceram desde a chegada dos portugueses, em 1500. Muitos índios morreram depois do contato com os não-índios, vítimas das epidemias (malária, sarampo, gripe etc) ou nas guerras de conquista. Nessa época, eram mais de 1.000 povos, somando entre 1 e 8,5 milhões de pessoas. Hoje, são 218 povos, que falam 180 línguas, totalizando 350 mil pessoas. Você pode imaginar o que acontecia com os sobreviventes das guerras entre europeus e indígenas?

1. Qual o tema retratado pelo pintor na Figura 7?
2. Compare a sua resposta com o título do quadro. Eles expressam idéias semelhantes ou diferentes?
3. Quando Rugendas fez esse desenho? Essa informação não pode ser encontrada na legenda. Nela está escrito s/d, que quer dizer sem data. Qual a sua hipótese para a data da pintura? Justifique a sua resposta.
4. Qual a situação representada na Figura 8?
5. Compare as Figuras 7 e 8. Existe ligação entre os temas representados nas duas pinturas? Escreva no caderno as suas conclusões.



Figura 7 - desenho de Johann-Moritz Rugendas, [s/d].
Escravidão de índios pelos portugueses. POMBO, R.
História do Brasil: curso fundamental. São Paulo:
Melhoramentos, 1941.



Figura 8 - Índios atravessando um riacho (caçador de escravos) de Jean Baptiste Debret, século XIX.
GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). Índios no
Brasil. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 109.

ESCRAVIDÃO INDÍGENA

Os dois quadros foram pintados por Debret e por Rugendas em momentos muito próximos, entre os anos 1820 e 1840. Nessa época, diversos países da Europa organizaram muitas expedições científicas, com o objetivo de estudar a natureza em vários continentes do mundo, que foram ocupados e colonizados pelos europeus. Pintores e desenhistas também participavam dessas viagens, registrando imagens de plantas, animais,

minérios, águas e das sociedades da América, África, Ásia, Austrália...

Debret e Rugendas também eram pintores-viajantes. Johann Moritz Rugendas viajou pelo Brasil, México, Chile, Peru, Bolívia, Uruguai e Argentina (1821-1847). Jean Baptiste Debret veio ao Brasil junto com outros pintores, escultores e arquitetos para montar uma escola de artes, a Escola de Ciências, Artes e Ofícios (1816-1839). Nesse tempo, as relações entre

Europa e América passaram por muitas transformações políticas: as colônias americanas da Inglaterra, de Portugal e da Espanha transformaram-se em países independentes.

As pinturas e os desenhos feitos por Debret registram situações e pessoas das cidades, principalmente do Rio de Janeiro. A existência da escravidão de africanos e indígenas foi um dos aspectos mais destacados em suas obras, assim como nos desenhos de Rugendas sobre a viagem ao Brasil. Os dois pintores-viajantes não estiveram em aldeias indígenas: seus registros estão baseados nos desenhos feitos pelos artistas que acompanhavam as expedições científicas e contatos com grupos indígenas que passavam pela cidade do Rio de Janeiro.

A escravidão indígena não aconteceu apenas no século XIX, época em que foram produzidas as Figuras 7 e 8. Ela começou a acontecer com a chegada dos europeus no século XVI e durou até o século XX.

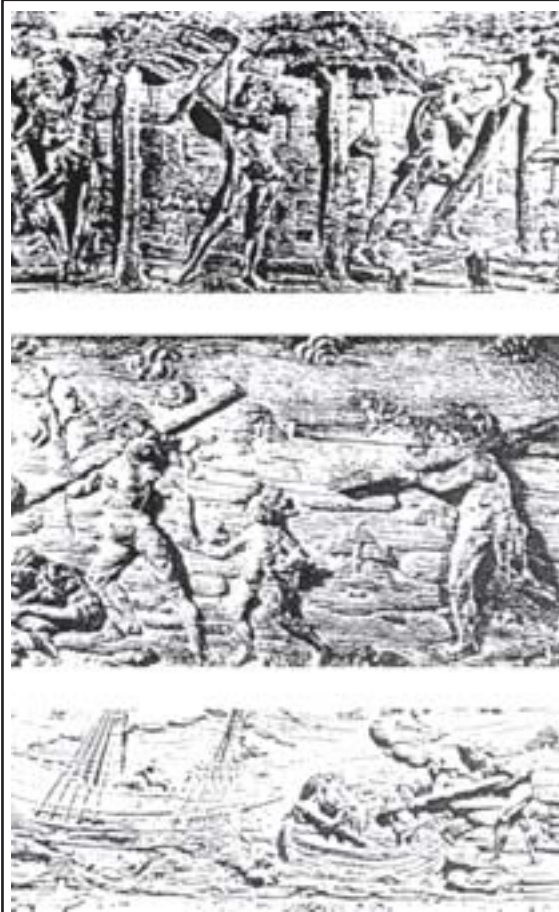


Figura 9 - Painéis de carvalho da 'Ilha do Brasil'. Rouen, França (c. 1500-14). In: CUNHA, M. C. da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: FAPESP: Companhia das Letras, 1992. p. 15.



Desenvolvendo competências

13

Observe os painéis da Figura 9.

1. Descreva os painéis no seu caderno, contando o que você observou.

Esses painéis decoravam uma casa na cidade de Rouen, na França, e foram entalhados entre 1500 e 1514. As imagens gravadas no carvalho representam o escambo de pau-brasil praticado entre os índios e os comerciantes franceses. O pau-brasil era uma madeira de onde se extraía um pigmento muito usado para tingir tecidos de vermelho, com maior eficiência que outros corantes da época.

2. Complete a legenda para a Figura 9, acrescentando informações que você achar importantes para explicar o tema representado nos painéis.

DO ESCAMBO À ESCRAVIDÃO

Inicialmente, os índios eram parceiros comerciais dos europeus: trocavam madeiras e animais exóticos por foices, machados, facas, miçangas, espelhos etc. Os objetos conseguidos no escambo com os portugueses, franceses, holandeses, espanhóis percorriam longas rotas de comércio entre os grupos do litoral e as populações indígenas que moravam no interior da América. Assim, muitos índios que moravam longe do litoral conheceram os invasores através dos objetos que traziam para trocar.

A relação entre as populações indígenas que moravam no litoral e os europeus transformou-se, passadas algumas décadas. Um velho índio Tupinambá falou sobre essas mudanças em um discurso para os franceses, que queriam estabelecer uma colônia no Maranhão, em 1610:

De início, os però [portugueses] não faziam senão traficar sem pretenderem fixar residência. (...) Mais tarde, disseram que nos devíamos acostumar a eles e que precisavam construir fortalezas, para se defenderem, e cidades, para morarem conosco (...) Mais tarde, afirmaram que nem eles nem os pai [padres] podiam viver sem escravos para os servirem e por eles trabalharem. (...) Assim aconteceu com os franceses. Da primeira vez que viestes aqui, vós o fizestes somente para traficar. (...) Agora já nos falais de vos estabelecerdes aqui, de construídes fortalezas para defender-nos contra os nossos inimigos. Como (os però), vós não querieis escravos, a princípio; agora os pedis e os quereis como eles no fim.

Claude d'Abbeville apud CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: FAPESP: Secretaria Municipal de Cultura, c1992. p. 15.



Desenvolvendo competências

14

1. Lendo o discurso do velho Tupinambá, é possível identificar as mudanças na relação entre os índios e os europeus, durante cem anos de contato (1500-1610)? Quais foram essas mudanças? Escreva no caderno as suas conclusões.

A conquista do território e a organização do trabalho são aspectos importantes na formação da sociedade brasileira. A escravização dos índios, junto com as doenças, provocou o despovoamento de muitas regiões mais acessíveis no litoral e nos sertões. Nesses locais, surgiram as fazendas e as vilas. Os índios que sobreviviam às doenças e às guerras eram levados para aldeamentos dirigidos pelos missionários cristãos, longe das suas aldeias e próximos das vilas. A produção de alimentos, a coleta de frutos e folhas, a caça e a pesca, o transporte de mercadorias entre vilas e portos eram trabalhos feitos pelos escravos indígenas.

Os grupos indígenas que viviam na América, antes da chegada dos portugueses, estavam ligados por alianças comerciais ou de

parentesco. Mas as relações entre os povos também eram de inimizade, guerra, dominação e exploração. Os cativos conseguidos nas guerras eram sacrificados nos rituais para comemorar a vitória ou eram trocados com grupos aliados. Alguns grupos indígenas tornaram-se aliados dos portugueses e forneciam-lhes escravos capturados dos seus inimigos. Outros grupos aliavam-se aos franceses, considerados rivais dos portugueses.

Para os europeus, essas guerras possibilitavam obter escravos, através do resgate dos cativos. Os índios imaginavam manter sua autonomia política, através dessas alianças. Lembra-se do velho Tupinambá, que discursava para os franceses? Ele também conta como os europeus tratavam os seus aliados:

... não satisfeitos com os escravos capturados na guerra, quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando toda a nação.

Claude d'Abbeville apud CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: FAFESP: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p.15.

Fugindo da escravidão, muitos grupos deixaram o litoral e embrenharam-se no sertão. Aqueles que trabalhavam para os donos das fazendas ou nos aldeamentos dos jesuítas revoltaram-se e fugiram. Esses movimentos eram dirigidos pelos Caraíbas, que mobilizavam seguidores para a migração, através de suas profecias:

Vamo-nos, vamo-nos antes que venham esses portugueses... Não fugimos da Igreja nem de tua companhia porque, se tu quiseres ir conosco, viveremos contigo no meio desse mato ou sertão. Mas estes portugueses não nos deixam estar quietos, e se tu vês que tão poucos que aqui andam entre nós tomam nossos irmãos, que podemos esperar, quando os mais vierem senão que a nós, e as mulheres e filhos farão escravos?

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 108.



Desenvolvendo competências

15

1. *O que o velho Tupinambá e o Caraíba pensavam sobre os acontecimentos ocorridos com a chegada dos colonos e os jesuítas?*
2. *“...poderão ser cativos os índios infiéis no tempo em que durar o conflito das guerras, e fora deles se não poderão fazer as ditas guerras, nem se poderão admitir os ditos cativeiros” (Alvará de 28/4/1688)*

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: FAFESP: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 127.

De acordo com o alvará acima, a escravidão indígena era considerada legítima:

- a) *no caso dos indígenas infiéis, isto é, que não se convertiam ao cristianismo, capturados nas guerras justas.*
- b) *no caso dos indígenas que se convertiam ao cristianismo e trabalhavam nos aldeamentos dos padres jesuítas, nas fazendas e vilas coloniais.*
- c) *em todos os casos, fossem os índios fiéis ou infiéis, o cativo era considerado legítimo.*
- d) *todas as alternativas anteriores estão incorretas, porque a escravidão indígena não era legítima em nenhum caso.*

Qual das alternativas (a, b, c, d) você considera correta para explicar em que situações a escravidão indígena era considerada legítima? A alternativa (d) não é válida. Por quê? Ela diz que “todas as alternativas anteriores estão incorretas, porque a escravidão indígena não era legítima em nenhum caso”. Já lemos nas páginas anteriores que os portugueses conseguiam escravos, resgatando os inimigos capturados pelos grupos aliados. A escravização, através do resgate, era reconhecida pelas leis. Será que em todos os casos a escravidão indígena era legitimada, como diz a alternativa (c)? No campo das leis, não! A resistência era interpretada como hostilidade pelos portugueses e os índios declarados como inimigos e capturados nas “guerras justas”. A lei considerava legítima a escravidão daqueles grupos que resistiam à conversão religiosa e ao trabalho nos aldeamentos, fazendas e vilas.

Também lemos os relatos dos próprios índios, registrados nas cartas dos padres da Companhia de Jesus, que falam da escravização dos seus inimigos e dos filhos da sua nação. Sobraram duas alternativas: (a) ou (b)? De acordo com o alvará a alternativa (a) é correta,

pois o texto diz que podem ser cativos os índios que forem infiéis, isto é, não se converterem à fé cristã. O que está errado na alternativa (b)? Anote no seu caderno.

GUERRAS JUSTAS

Os índios deveriam ser escravizados ou deveriam ser livres? Quem deveria controlar o trabalho dos índios e dirigir os aldeamentos? A questão da liberdade dos povos indígenas causou muitas polêmicas entre os próprios índios, os missionários, os colonos e os administradores do rei de Portugal. Colonos e missionários disputavam o controle do trabalho indígena: a direção das aldeias e a autoridade para repartir os índios para o trabalho fora dos aldeamentos eram postos considerados chave para esse controle. Muitas leis foram feitas nos trezentos anos em que o Brasil permaneceu como colônia de Portugal (1500-1800): em alguns momentos (1609, 1680 e 1755), as leis aboliram totalmente o cativo, para, em seguida, restaurar a escravidão indígena.

As diferenças entre as idéias que os portugueses e os indígenas tinham sobre o cativo explicam as dificuldades em transformar os cativos de guerra em escravos. Considerando a importância dos cativos para fins rituais, os índios resistiam à venda. Os portugueses dependiam dos índios para produzir e coletar alimentos, para transportar cargas e para defender as fronteiras entre o território português e o dos espanhóis, combatendo os inimigos indígenas, os franceses e os holandeses.

O resgate dos cativos das guerras, que seriam sacrificados pelos seus inimigos, foi a principal forma de recrutamento de mão-de-obra indígena até a metade do século XVII. As tropas, financiadas por ricos comerciantes, eram compostas por índios aliados e sertanistas e tinham autorização real. Os comerciantes e os fazendeiros usavam o resgate como pretexto para a escravização e destruição de muitos grupos indígenas.

Os jesuítas, junto com índios aldeados, tentavam convencer as populações indígenas que habitavam os sertões a viverem nos aldeamentos próximos às fazendas e povoações. A legislação diferenciava os índios aliados dos portugueses e os índios inimigos. Os falantes da língua Tupi costumavam fazer alianças com os europeus: portugueses, holandeses e franceses. Os Tupis viviam nos aldeamentos da Companhia de Jesus, podendo trabalhar para os moradores, mediante o pagamento de salário. Esses índios eram considerados donos das terras onde viviam, aldeamentos dirigidos pelos jesuítas, até 1755. Eles, muitas vezes, voltavam para suas aldeias ou de parentes, contrariando as expectativas de colonos e administradores. Você imagina por que isso acontecia?



Desenvolvendo competências

16

1. Reescreva a legenda da Figura 10, explicando qual a situação representada no desenho.
2. Depois de ler o título do desenho na legenda, você saberia dizer como os europeus chamavam os índios que viviam nos sertões?



Figura 10 - Aldeia de Tapuias, Desenho de Johann-Moritz Rugendas. GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. 2. ed. Brasília: MEC, 1994. p. 108.

ÍNDIOS MANSOS, ÍNDIOS BRAVOS

A fuga coletiva, a reconstituição das comunidades e o restabelecimento da autonomia política em regiões longínquas, distantes das povoações coloniais, foi uma estratégia de resistência à escravidão muito utilizada pelos grupos indígenas. As leis declaravam a liberdade dos índios, mas os costumes dos colonos distanciavam-se delas em muitas situações. O que disse mesmo o velho Tupinambá em seu discurso para os franceses que queriam fundar uma colônia no Maranhão? Os portugueses ... *não satisfeitos com os escravos capturados na guerra, quiseram também os filhos dos nossos e acabaram escravizando toda a nação*.

Nem todos os índios eram livres: aqueles que resistiam à colonização eram considerados inimigos. Geralmente, os povos que falavam outras línguas, chamados de Tapuia, eram capturados nas guerras justas e transformados em escravos, segundo a legislação. A guerra justa foi utilizada pelos colonos e administradores como mecanismo legal para organizarem expedições militares com o duplo objetivo de derrotar os focos de resistência indígena no litoral e constituir uma força de trabalho. Essas expedições abasteciam de escravos as fazendas nas regiões de São Paulo e Maranhão. Nesses lugares, as atividades de agricultura, criação

de animais, coleta, caça e transporte eram desenvolvidas pelos índios capturados pelos sertanistas.

Quem eram os aliados dos portugueses? Quem eram seus inimigos? Lembre-se das leis sobre a escravidão indígena? De acordo com essas leis, os índios que resistiam à colonização eram considerados inimigos. Aqueles que viviam nos aldeamentos e trabalhavam para os colonos nas fazendas e vilas eram considerados aliados.

Tupi e Tapuia foram nomes usados pelos europeus para diferenciar os povos indígenas que habitavam o Brasil em 1500. Os Tupi eram considerados “domésticos ou mansos”, porque conviviam amistosamente com os estrangeiros. Os Tapuia eram chamados de “bravos” porque ocupavam os sertões, isto é, as terras que os europeus pretendiam explorar e colonizar.

No século XIX, muitas mudanças políticas aconteceram na relação entre a colônia brasileira e sua metrópole, Portugal. Na época da independência política do Brasil (1822), os Tupi foram transformados em símbolo da nacionalidade brasileira. O contraponto dos heróicos Tupi eram os ferozes Botocudo. Muito semelhantes aos Tapuia, os Botocudo também eram considerados obstáculos à colonização dos sertões e inimigos dos brasileiros e dos Tupi.

Será que as representações das populações indígenas se modificaram hoje? Como os índios são apresentados nos jornais, novelas e seriados da televisão, nos filmes?

Volte ao início deste texto. Repare no dado de que, atualmente, existem mais ou menos 280 povos espalhados pelo Brasil, que falam mais de 180 línguas. O que mudou, então, do tempo dos primeiros portugueses para hoje? O número de povos indígenas cresceu? Ou mudou a maneira de

entendermos as suas diferenças culturais? Mudou também a maneira pela qual a população e o governo brasileiros respeitam os índios e seus direitos? Repare que, ao longo de sua história de sobrevivência, luta e contato com os não-índios, as populações indígenas também mudaram. Volte, por exemplo à foto de Ailton Krenak, no início do capítulo, e escreva algumas reflexões no seu caderno sobre as mudanças entre os índios de hoje e de 500 anos atrás.



Conferindo seu conhecimento

1*Resposta (a).***2***Resposta (c).***4***Resposta (d).*

ORIENTAÇÃO FINAL

Para saber se você compreendeu bem o que está apresentado neste capítulo, verifique se está apto a demonstrar que é capaz de:

- Identificar em diferentes documentos históricos e geográficos vários movimentos sociais brasileiros e seu papel na transformação da realidade.
 - Investigar criticamente o significado da construção e divulgação dos marcos históricos relacionados à história da formação da sociedade brasileira.
 - Interpretar o processo de ocupação e formação da sociedade brasileira, a partir da análise de fatos e processos históricos.
 - Analisar relações entre as sociedades e a natureza na construção do espaço histórico e geográfico.
 - Avaliar propostas para superação dos desafios sociais, políticos e econômicos enfrentados pela sociedade brasileira na construção de sua identidade nacional.
-

